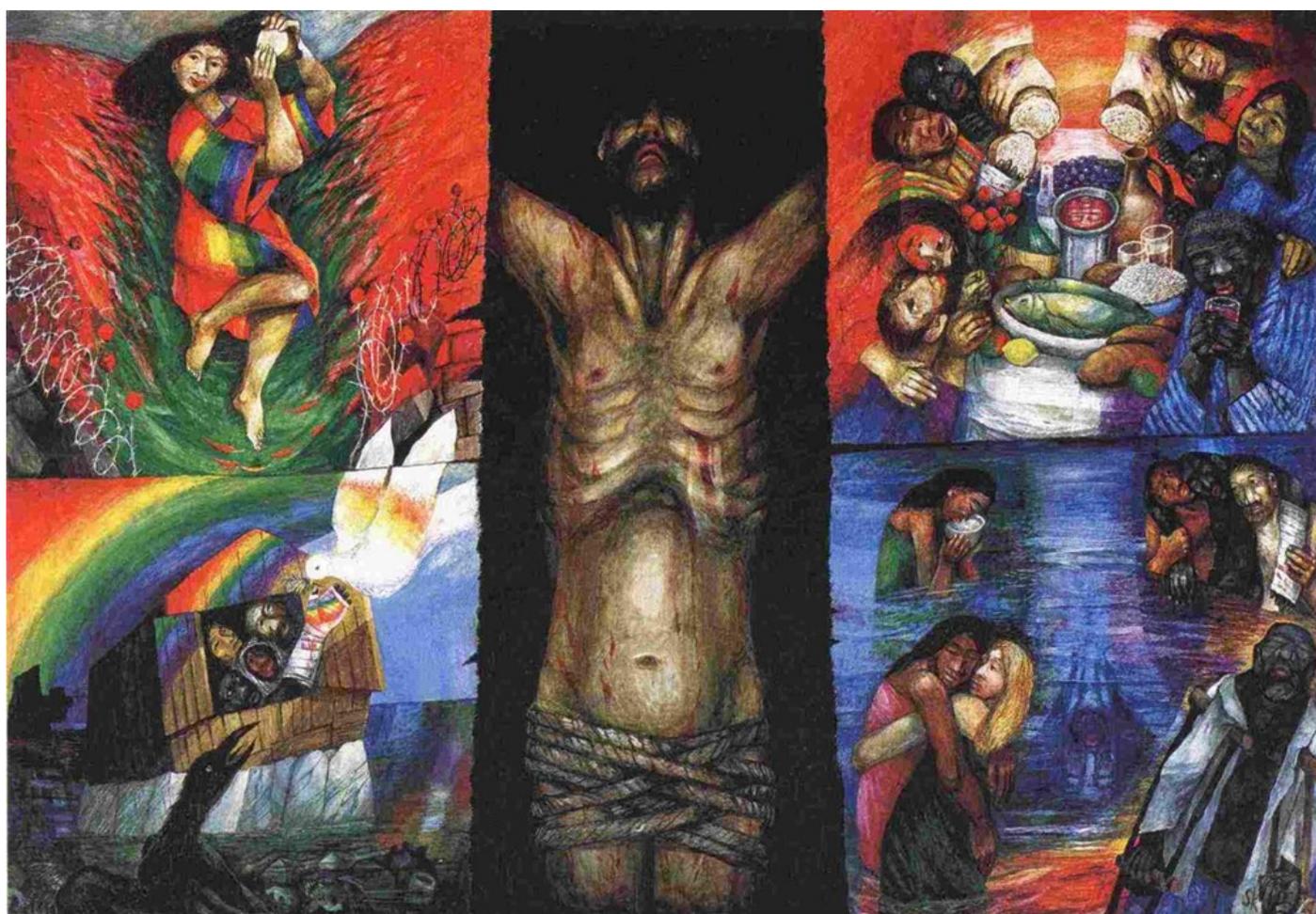


MISSIONÁRIOS COMBONIANOS

SECRETARIADO-GERAL DA MISSÃO
ROMA

2020 — ANO DE MINISTERIALIDADE

SUBSÍDIO PARA ANIMAÇÃO COMUNITÁRIA



INSTRUÇÕES PARA O USO

O tema da ministerialidade

Este subsídio para a formação permanente, a nível pessoal e comunitário, é uma proposta que o Secretário Geral da Missão faz a cada confrade e comunidade. Como é sabido por todos nós, a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* pôs em relevo a mudança epocal do nosso tempo e a necessidade de uma profunda renovação na Igreja, para viver com alegria o Evangelho e ser fiel à própria vocação de discípulos-missionários de Jesus. Com esta visão renovada da igreja continua a emergir sempre mais uma Igreja «em saída», em que a missão é paradigma do seu ser e do seu agir, em escuta do Espírito através do grito da humanidade que sofre, dos pobres e da Criação. O magistério do Papa Francisco insiste sobre a visão de uma Igreja ministerial, isto é, fraterna, impregnada «do cheiro das ovelhas», sinodal, colaborativa e que testemunha a alegria do Evangelho com o anúncio, com o estilo de vida e com o serviço. Uma Igreja que empreende um caminho de conversão e que supera o clericalismo e o cómodo critério pastoral do «sempre se fez assim» (EG 33).

O XVIII Capítulo Geral acolheu esta orientação da Igreja universal e assumiu-o, auspiciando um caminho de regeneração e requalificação do nosso empenho missionário no sentido da ministerialidade (DC '15, 21-26; 44-46). O Espírito nos chama a sonhar e converter-nos, como missionários «em saída», que vivem o Evangelho através da partilha da alegria e da misericórdia, cooperando no crescimento do Reino, a partir da

escuta de Deus, de Comboni e da humanidade. Um sonho que é o sonho de Deus, que nos leva a ousar, não obstante a nossa pequenez, conscientes de não sermos isolados, mas membros de uma Igreja ministerial. Somos chamados a evangelizar como comunidade, em comunhão e colaboração com toda a Igreja, para promover juntamente com os pobres a globalização da fraternidade e da ternura.

Tudo isto se concretiza em escolhas de redução e requalificação dos empenhos, desenvolvendo serviços pastorais específicos, saindo em direcção a grupos humanos marginalizados ou em situações de fronteira.

Para ajudar-nos a crescer neste caminho, o Guia para a actuação do XVIII Capítulo Geral reservou o ano de 2020 à reflexão sobre o tema da ministerialidade. Desejamos propor uma acção-reflexão, isto é, uma abordagem que parta da experiência, reflecta criticamente sobre o potencial transformador e as suas criticidades, para discernir cursos de acção renovados.

É o que fazia o próprio Comboni: chegou ao Plano de Regeneração da África com a África com base numa experiência directa da missão, de estudos de aprofundamento e de confronto com outras experiências, encontrando no estilo ministerial a resposta ao desafio «impossível» da evangelização da África. O seu Plano reflecte uma compreensão sistémica da abordagem ministerial: uma obra colectiva e «universal», que cria redes de colaboração que reúnem todas as forças eclesiais, reconhecendo a cada uma a sua especificidade e originalida-

de. Uma obra que dá vida a uma pluralidade de serviços, em resposta às necessidades humanas e sociais, para as quais prepara cientificamente alguns ministros ad hoc, e que prevê a fundação de comunidades missionárias sustentáveis do ponto de vista ministerial, socio-económico e da significação social. Como nos recordam também Bento XVI e Francisco, a igreja cresce por atração, não por proselitismo.

A metodologia

O presente subsídio é pensado para um uso comunitário e participativo. A ideia de fundo é que a comunidade e a missão em que nos encontramos seja o contexto privilegiado do nosso percurso de formação permanente. Um caminho de crescimento enriquecido pelas diferenças de percurso, culturais e geracionais dos membros da comunidade. Regressa a ideia do Papa Francisco de uma comunhão segundo o modelo do poliedro – em vez da esfera, cf. EG 236 – que significa a convivialidade das diferenças. Neste sentido, o percurso proposto coloca-se em continuidade com o tema da interculturalidade, sobre o qual trabalhámos em 2019.

Além disso, o percurso é pensado para integrar a dimensão experiencial com o aprofundamento disciplinar, a dimensão cognitiva com a afectiva, a acção com a reflexão. Escolhemos, portanto, a metodologia do ciclo pastoral, que parte da realidade, da experiência, com a inserção; aplica-se depois a desenvolver uma compreensão analítica da realidade, através do momento de análise sociocultural. Em seguida vem o momento da reflexão teológica, para um discernimento pessoal e comunitário, que leva a decidir intervenções a concretizar. O processo de acção articula-se por sua vez em várias fases, que incluem uma verificação e a celebração da vida que emerge ao longo do

percurso.

O material que apresentamos é organizado em fichas e propõe 6 temas, que consideramos cruciais para o nosso crescimento ministerial. Propomos desenvolver cada tema numa jornada comunitária, por exemplo um retiro mensal, ou uma jornada que a comunidade queira dedicar à formação permanente. Aconselha-se nomear um animador para estas jornadas, para a condução do percurso através de 4 passos para cada um dos quais foi predisposta uma ficha:

= **Ficha 1:** propõe um caso de estudo para introduzir e familiarizar-se com a temática; a comunidade é chamada a reflectir e a confrontar-se com a mensagem que emerge desta experiência.

= **Ficha 2:** apresenta um aprofundamento temático, para uma leitura mais analítica da experiência, de modo a colher as suas dinâmicas e compreender o quadro de referência que as guia. São também indicadas algumas fontes para um ulterior aprofundamento pessoal do tema tratado.

= **Ficha 3:** introduz o momento da reflexão teológica, a partir de uma Palavra que ajude a ler a experiência em chave de fé e a colocar-se à escuta do Espírito. Prevê uma hora de oração pessoal, guiada por uma pista.

= **Ficha 4:** predispõe um espaço de partilha e de discernimento comunitário, guiado por uma pista proposta. Tipicamente, esta fase conclui-se com uma decisão comunitária. Sugere-se concluir a jornada com a celebração da Eucaristia, para a qual são dadas algumas sugestões para a animação litúrgica.

Estes quatro passos são sequenciais, o sucessivo pressupõe o precedente. Aconselha-se aos animadores:

= Criar um clima de respeito, escuta recíproca, de apreço mesmo quando há

pontos de vista diferentes. A dinâmica proposta é de enriquecimento, não de discussão para mostrar ter razão.

- = Ajudar os confrades a partilhar de coração, os sentimentos, as vivências, não só as ideias. A partilha sobre o caso estudo (ficha 1) é também ocasião para fazer memória de experiências pessoais semelhantes ou complementares por parte dos confrades.
- = Dar a todos a possibilidade de se exprimir e partilhar.
- = Tomar a peito a escuta: dos textos propostos, dos confrades, da Palavra, do Espírito. Uma atitude de abertura e receptividade ajuda-nos a descobrir coisas novas, a olhar a realidade de outros pontos de vista, a deixar-se pôr em questão e a ser dóceis aos convites do Espírito.
- = Gerir as 4 sessões através das fichas, distribuindo-as cada uma no momento em que deve ser usada, para evitar distrações e «fugas para a frente».
- = Assegurar-se que haja um secretário que tome nota dos contributos e decisões da comunidade.
- = Em caso de comunidades grandes, avaliar a oportunidade de fazer a partilha em pequenos grupos, para que todos possam encontrar espaço para exprimir-se e dar um contributo.
- = Encorajar a fazer as leituras aconselhadas para aprofundar ulteriormente as temáticas. Podem-se também organizar pequenos espaços de partilha sobre estas leituras noutros

Plano do subsídio

- = **Introdução:** clarifica a visão ministerial da Igreja e facilita uma compreensão partilhada do que são os ministérios.
- = Tema 1: ***O papel ministerial do presbítero***

= Tema 2: ***A colaboração ministerial***

= Tema 3: ***Evangelização e ministérios***

= Tema 4: ***O contributo ministerial dos leigos***

= Tema 5: ***Ministerialidade social e ecológica***

= Tema 6: ***A sinodalidade***

Avaliação do percurso

Este percurso pretende ser simples e oferecer a possibilidade de um crescimento pessoal, ministerial e comunitário. Insere-se facilmente no ritmo da vida comunitária e apostólica e dá fruto na medida em que a comunidade, de cada vez, toma pequenas decisões, concretas e realistas, e as implementa. Para ajudar-nos a fazê-lo, é importante programar momentos de avaliação desde o início. Para isso propomos:

Momentos.

- = ***A nível comunitário:*** avaliar regularmente a implementação das decisões comunitárias tomadas neste percurso em cada Conselho de Comunidade.
- = ***A nível provincial:*** recolher e partilhar as acções implementadas por cada comunidade. Trata-se de um intercâmbio que valoriza os percursos feitos nas várias comunidades, boas práticas que eventualmente também outras comunidades possam adoptar. Pedimos depois às circunscrições para mandar este material ao Secretário Geral da Missão, para valorizar todo o caminho que estamos a fazer como Instituto.

A VISÃO DA IGREJA MINISTERIAL

O magistério de Francisco retoma e repropõe a visão do Concílio Vaticano II sobre a Igreja e sobre a relação com o mundo. Insiste muito sobre uma Igreja fraterna, em saída para estar com os últimos, os excluídos; uma Igreja discípula-missionária que se coloca ao serviço dos necessitados. Em duas palavras, uma «Igreja ministerial». Somos convidados a redescobrir o significado autêntico da ministerialidade: o significado de ministério a que se refere, de facto, é o de «serviço». Mas não é descontado: etimologicamente pode significar também «ofício», portanto assumir uma conotação administrativa e de poder. Assim, antes do Vaticano II, prevalecia uma perspectiva claramente clerical, em que os verdadeiros ministros são os padres e os bispos, dos quais dependem coadjutores. O ministro devia ser diferente, mesmo à parte, separado. O ministério era acima de tudo serviço a uma religião centrada sobre o rito, sobre as leis e as rubricas. Tudo isto levava, portanto, a enfatizar aspectos exteriores, como as vestes e símbolos externos, ao mesmo tempo que a santidade era frequentemente associada à observância da tradição. Era um serviço da estrutura religiosa mais do que das pessoas e era unilateralmente focalizado sobre o pecado individual e a conversão individual. A comunidade é o objecto do zelo do ministro, portanto fundamentalmente passiva e dependente do ministro.

Uma «nova» eclesiologia

A eclesiologia do Concílio supera nitidamente esta perspectiva. Vê que cada bap-

tizado é chamado a um serviço ministerial, uma vez que o sujeito é a Igreja como «povo de Deus», que como comunidade cristã confere a cada um mandato em força do baptismo e do crisma. Enquanto participação no ministério de Cristo, cada ministério e cada ministro têm a mesma dignidade. O ministério de Cristo pressupõe proximidade e inserção entre a gente, partilha, colaboração. No centro não está tanto a estrutura eclesial, mas a gente com as suas «alegrias e esperanças, tristezas e angústias» (Gaudium et Spes 1), com as suas necessidades e aspirações humanas e sociais. Pede, portanto, uma «igreja em saída», como insiste o Papa Francisco, capaz de alcançar as periferias existenciais do nosso tempo.

Esta passagem é a natural consequência do facto que a Igreja «é, em Cristo, como que sacramento, isto é, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano» (Lumen Gentium 1)¹. A Igreja é, portanto, um «mistério», isto é, uma realidade permeada pela presença de Deus. A união com Deus e a unidade de todo o género humano são duas faces da mesma moeda: é pela sua união com Deus que a Igreja participa da iniciativa de Deus de realizar o Reino de Deus² para toda a humanidade. Na visão ministerial, o ministro é o facilitador da actividade da comunidade que deve ser sacramento de salvação para todo o povo, cristãos e não cristãos, para os cosmos e o ambiente.

A comunidade cristã é sacramento de transformação social em vista do Reino, sujeito

de transformação e em transformação. A passividade para a comunidade é um estado de pecado mortal, no sentido que avaliza os processos que estão a levar à destruição de povos e ambiente. Hoje a conversão social e o pecado social estão a entrar com força na nova visão ministerial. Portanto os ministros prestam o serviço de tornar a comunidade activa e dinâmica para transformar o mundo de hoje segundo o plano de Deus³, valendo-se das indicações da doutrina social da igreja para os direitos, humanos, o bem comum, a justiça social, a salvaguarda da criação.

Ministerialidade como estilo, modo de ser Igreja

Enquanto «sacramento», a Igreja não é só um instrumento, mas também um sinal da comunhão com Deus e da unidade de toda a família humana. Testemunha-o com a sua vida de fé e nas relações, no seu interior e com o mundo. A ministerialidade não diz respeito somente a «serviços», mas também a um «estilo» de ser Igreja missionária. O paradigma deste estilo encontramos-lo nos Actos dos Apóstolos. No início, em Act 1,8, vemos a formação da comunidade cristã, recebendo o Espírito... chamada a testemunhar Jesus até aos confins da terra: uma comunidade missionária! Mas com qual estilo a comunidade vive este mandato? Vemo-lo em Act 2, 42-47:

⁴² Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações. ⁴³ Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. ⁴⁴ Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. ⁴⁵ Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as ne-

cessidades de cada um. ⁴⁶ Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. ⁴⁷ Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.

Este passo apresenta a comunidade de Jerusalém, «paradigma»⁴ no qual inspirar-se, não uma comunidade ideal, mas uma comunidade real idealizada, a partir de algumas características que a definem, que a qualificam:

- = todos os crentes estavam juntos, perseverantes na comunhão, na fraternidade (*koinonia*),
- = perseverantes no partir o pão e nas orações (*leitourgya*),
- = e assume o cuidado dos necessitados, de quem está em dificuldade (*diakonia*),
- = enquanto prodígios e sinais aconteciam por obra dos apóstolos, testemunho da ressurreição de Jesus, da vida em plenitude que Ele doou (*martyria*).

Estas são 4 características que definem o estilo ministerial. São 4 dimensões que se entrecruzam, são interdependentes e são o lugar de encontro de duas realidades: um aspecto carismático a partir do alto, Espírito e Palavra, e um a partir de baixo, feito de humanidade, empenho e competência.

Em relação à comunidade, o papel dos apóstolos – que estiveram com Jesus desde o início e que são testemunhas da ressurreição – é de ensinar a Palavra da pregação de Jesus, transmitida, conservada e depois posta por escrito para ser anunciada como Palavra viva. Tanto que quando a comunidade se torna maior e complexa, nasce a ne-

cessidade de haver diáconos para o serviço aos necessitados de modo que eles possam dedicar-se à Palavra e à oração (Act 6, 1-7).

E assim todos os dias os que eram salvos uniam-se «aos que estavam juntos» (epì to autò), isto é, à comunidade: a igreja cresce por atracção, não por proselitismo.

O mesmo paradigma aparece numa outra descrição da comunidade de Jerusalém (Act 4, 32-35), na qual se insiste sobre a koinonia, que significa união (um só coração e uma só alma), seja como sinodalidade, seja como solidariedade (diakonia) a serviço de quem está em necessidade. Os apóstolos davam com grande vigor testemunho da ressurreição (martyria): é a imagem de uma comunidade determinada, decidida a anunciar com gestos e palavras a ressurreição de Jesus. No terceiro sumário que retrata o rosto da comunidade cristã (Act 5, 12-16), é de novo sublinhado o carácter transformativo (prodígios, libertação de espíritos impuros e curas), sinal do Reino presente entre eles.

«Já e ainda não»

Fundamentalmente, há um elemento escatológico na missão da Igreja, que só se poderá atingir plenamente no outro mundo. Todavia, como explica a Gaudium et Spes (GS), a Igreja que é «simultaneamente “agrupamento visível e comunidade espiritual”, caminha juntamente com toda a humanidade, participa da mesma sorte terrena do mundo e é como que o fermento e a alma da sociedade humana, a qual deve ser renovada em Cristo e transformada em família de Deus» (GS 40). Em condição de reciprocidade e intercâmbio com a sociedade humana, a Igreja contribui para a humanização do mundo, com um envolvimento activo para promover a dignidade humana, a justiça

social, o bem comum e a ecologia integral.

O que é que nos mostra tudo isto? Uma igreja ministerial, que significa ter um estilo de vida evangélico, de comunhão; viver relações que geram vida, com um espírito de serviço, que se exprime numa pluralidade de serviços, de acordo com as necessidades que emergem, e que pressupõem participação, responsabilidades partilhadas num espírito de sinodalidade. É uma comunidade que faz experiência do Reino e o testemunha, que dá fruto e que celebra a vida nova.

O protagonismo do «povo de Deus»

Com o baptismo e o crisma, os fiéis conseguem um acesso à presença de Deus na sua vida e no mundo. Como filhos e filhas de Deus, acedem a Deus Abba, Pai, e são regenerados numa nova relação, transformante, com Deus e com a comunidade humana. Mas o momento de plena habilitação é o crisma, o sacramento que confere uma missão, o mandato de realizar o plano de Deus, através da comunhão, da oração, do testemunho e do serviço. Através destes sacramentos os fiéis entram a fazer parte do corpo de Cristo, a Igreja, e portanto participam da sua missão sacerdotal, profética e real:

= *Participação na dimensão sacerdotal*⁵: os fiéis acedem directamente a Deus, o Pai, e podem fazer sentir a sua presença. Podem também mediar a presença regenerante de Deus em todas as situações da vida, especialmente entre os pobres ou onde a dignidade humana está degradada, onde haja exploração e sofrimento. Os fiéis estão ao serviço de um encontro que gera vida, de uma presença em diálogo com a humanidade: a vida em plenitude é um dom de Deus, mas é pedida também a sua colaboração para experimentar e reconhecer a presença de Deus na sua situação e aceder-lhe.

= *Participação na dimensão profética*⁶: este aspecto diz respeito à leitura e interpretação da tendência, dos comportamentos, dos factos da vida segundo a visão ou plano de Deus, lendo os sinais dos tempos e dos lugares. Trata-se da relação entre fé e vida social, do despertar das consciências, do conhecimento sociocultural, do crescimento do sentido de responsabilidade cívica. Hoje em dia, isto requer também algumas competências nas ciências humanas e sociais, mas depois é preciso a capacidade de fazer percursos de discernimento numa perspectiva de fé, escutando a Palavra, iluminados pelo Espírito e conscientizados também através do magistério social da Igreja.

= *Participação na dimensão real*⁷: através do baptismo, os fiéis são libertados do pecado e o Reino vem a eles como uma semente em crescimento. O ministério real tem a ver com o crescimento do Reino de Deus no mundo, que é visível no emergir da verdade e da vida, da justiça e da paz, na libertação de toda a criação. Todos os baptizados e baptizadas estão chamados a esta tarefa de libertação, de promoção da dignidade humana e dos povos e da ecologia integral, a partir de:

- a sua competência profissional, formação humana e técnica, e sentido cívico;
- a graça de Cristo, luz do mundo, projecto do Criador;
- a justiça social e económica;
- permear as culturas e actividades humanas com autênticos valores humanos;
- exercer a autoridade como serviço, não como domínio sobre os outros.

O que são os ministérios?

A missão da Igreja deriva da sua identidade e os ministérios – ou serviços pastorais – na Igreja são instrumentos práticos para

levá-la por diante. Mas que actividades ou obras se podem chamar ministérios e quais não? O'Meara (1999, 139-149) defende que cada vez que damos uma definição precisa, detalhada, acabamos por excluir aspectos que ao contrário mereceriam ser incluídos no conceito que estamos a procurar clarificar. Todavia, pela necessidade de uma compreensão partilhada, temos de aceitar tal limitação. Assim O'Meara propõe seis características que nos ajudam a reconhecer uma acção verdadeiramente ministerial, que são:

= *Fazer alguma coisa*

Um ministério é uma actividade concreta;

= *Para a vinda e a presença do Reino*

Uma actividade que é ordenada à comunhão com Deus e à unidade do género humano. «O ministério – explica O'Meara (1999, 142) – explicita o Reino, transformando a sua presença ambígua em sacramento, palavra ou acção».

= *Em público*

È uma actividade que comunica a sua mensagem claramente, que é visível e explícita em palavras e factos. Existe uma diferença entre o cuidado amoroso de uma pessoa de boa vontade e a mesma acção feita por religiosas. No primeiro caso, vemos um fundamental gesto de caridade, no segundo uma expressão de ministério porque a motivação da fé das religiosas é explícita e portanto trata-se de uma acção pública, não privada. Do mesmo modo, um empregado bancário honesto, acolhedor e amável pode também mostrar valores cristãos com as suas atitudes. Mas a menos que lhe seja pedido para dar razões do seu modo de ser e comportar

-se, a vida cristã só por si não é um testemunho explícito da fé que o motiva. Embora a vida cristã procure a energia, a motivação e o fundamento do ministério, não é exactamente «ministério» só por si. Assim, voltando ao caso precedente, se o bancário trabalhasse como contabilista numa equipa empenhada num projecto da comunidade cristã para promover, por exemplo, os direitos humanos, ou a paz e a reconciliação, participaria plenamente na actividade ministerial da equipa, mesmo sem estar envolvido no trabalho em campo, uma vez que o seu trabalho é parte integrante da reconstrução de uma comunidade reconciliada. Como explica ainda O'Meara (1999, 145-146)

A vida Cristã não é a mesma coisa que o ministério. É certamente o seu pano de fundo, mas é mais ampla que o ministério eclesial. Se aspectos de vida evangélica como a justiça, a coragem e a temperança derivam do empenho de viver o Evangelho e são requisitos da vida cristã autêntica, não incluem necessariamente o aspecto ministerial. O ministério comporta um aspecto específico: uma expressão pública e uma acção praticada explicitamente pelo Reino de Deus.

= Em nome de uma comunidade cristã

A comunidade cristã tem um mandato de viver segundo a visão do Reino e de o promover. Isto convida a um empenho a construir uma sociedade mais humana e a denunciar e contrariar os males sociais. É por isso que O'Meara (1999, 146) diz que o ministério começa com a comunidade cristã, provém da comunidade e alimenta e expande a comunidade. A complexidade da sociedade e as diversas situações a que é preciso prover requerem inevitavelmente uma pluralidade de ministérios. Alguns destes irão animar e apoiar a comunidade cristã;

outros atingirão a sociedade no seu conjunto, em diálogo com outras instituições, grupos e pessoas. Uma pluralidade de ministérios requiere uma pluralidade de ministros, que não actuarão em seu próprio nome. O serviço que prestam é uma expressão da fé e empenho da comunidade cristã no seu conjunto. É por isso que a comunidade envia os seus membros, os reconhece e lhes dá um mandato. A *Evangelii Gaudium* (EG 24) recorda-nos a vocação desta comunidade: é ser missionária, uma igreja em saída que toma a iniciativa de encontrar as periferias geográficas e existenciais, e se envolve na vida dos excluídos, marginalizados; acompanha-os ao longo do caminho de regeneração, testemunha que anuncia o Reino. Dá fruto, porque é o Espírito o protagonista da missão, a comunidade discerne os seus sinais e a acção na história e favorece-a, colabora com o que o Senhor está a realizar e portanto pode festejar, dar graças pelo Reino que já está presente.

= Um dom do Espírito

Um dom recebido na fé, através do baptismo e do crisma. O Espírito de Cristo Ressuscitado é a alma da acção ministerial: a sua presença convida a servir o Reino, inspira o discernimento e habilita à acção com diversos dons espirituais (1Cor 12, 4 e 11). Segundo Paulo, tais habilidades especiais são em si mesmas uma expressão do Espírito e são doadas para o bem comum, para o serviço, e não para benefício de quem os recebe.

= Com vários serviços

estes são o resultado de dons diversificados que se deparam com necessidades diversificadas na Igreja e na sociedade. Em perspectiva ministerial, existem quer talentos

humanos quer dons espirituais que são postos ao serviço do bem comum e que são uma expressão da união dos fiéis com Deus em Cristo. Paulo usou a analogia do corpo de Cristo, em que pessoas diferentes estão unidas desenvolvendo funções diferentes. Esta imagem rejeita a ideia de que alguns carismas e ministérios sejam essencialmente superiores a outros porque todos são necessários para que o corpo seja funcional e é preciso que cooperem harmonicamente.

Em conclusão, O'Meara (1999, 150) procura dar uma definição do ministério cristão, que soa assim:

o ministério é a actividade pública de um discípulo baptizado de Jesus Cristo que emana do carisma do Espírito e de uma personalidade individual, em nome de uma comunidade cristã para proclamar, servir e realizar o Reino de Deus.

Uma outra definição – muito semelhante em conteúdo e perspectiva – dá-a McBratien (1989, 848) que afirma:

o ministério é um serviço designado publicamente ou ao menos explicitamente pela igreja para contribuir para a realização da sua própria missão.

Isto comporta um chamamento da igreja, um mandato público ou explícito (não necessariamente sacramental ou litúrgico) e a continuação da missão de Cristo na igreja e no mundo.

Bibliografia

- McBrien, R.P. (1987). *Ministry. A Theological, Pastoral Book*. San Francisco: Harper San Francisco.
- McBrien, R.P. (1989). *Catholicism*. Ristampa. Londen: Geoffrey Chapman 1981, 657-659; 667-675; 842-848.
- O'Meara, T.F. (1999). *Theology of Ministry*. Revised ed. New York: Paulist Press, 139-167; 182-198.

NOTAS

¹ Deus está presente na Igreja e opera também através dela na história. Toma a iniciativa de transformar o mundo enviando a Palavra e o Espírito e a Igreja participa como um instrumento neste movimento. A Palavra, que apresenta a visão de Deus, atinge o mundo através da comunidade cristã, que proclama a Palavra do Pai e a torna viva, atinente e compreensível. O Espírito ajuda os fiéis a compreender a Palavra e a pôr em prática aquilo que compreendeu. E a Igreja, através dos sacramentos, é um canal importante para a vinda do Espírito nos fiéis. Um outro modo em que o Espírito opera no mundo é através dos vários serviços prestados pela comunidade na comunidade e no mundo. O Espírito está presente, sustenta e opera através dos fiéis que respondem às necessidades da gente, tanto que o resultado do seu serviço não depende só daquilo que fazem.

² João Paulo II na *Redemptoris Missio* (14-15) apresenta as características e exigências do Reino de Deus, sublinhando que «natureza do Reino é a comunhão de todos os seres humanos entre si e com Deus. O Reino diz respeito a todos: às pessoas, à sociedade, ao mundo inteiro. Trabalhar pelo Reino significa reconhecer e favorecer o dinamismo divino, que está presente na história humana e a transforma. Construir o Reino quer dizer trabalhar para a libertação do mal, sob todas as suas formas. Em resumo, o Reino de Deus é a manifestação e a actualização do Seu desígnio de salvação, em toda a sua plenitude».

³ Para a *Lumen Gentium* a Igreja é missão de proclamação e de evocação do Reino de Deus entre todos os povos. De facto, a Constituição dogmática apresenta a Igreja como «povo de Deus», consagrada com uma tarefa messiânica: é sustentada e capacitada pelo Espírito para uma missão de libertação (cf. Lc 4, 16-22), para servir o Reino de Deus, guiando as pessoas em ordem à salvação.

⁴ O sumário não é a fotografia da vida real da igreja de Jerusalém, mas também não é pura fantasia do autor. Lucas generaliza episódios concretos obtidos da tradição.

Generalizando casos individuais, ele quer tornar válida uma realidade para todos.

⁵ Cf. LG 10.34; GS 34.

⁶ Cf. LG 35; GS 35.

⁷ Cf. LG 36; GS 36.

